

Considerações Éticas Sobre o Uso de Drogas e a Toxicomania: Uma abordagem a partir da psicanálise

João Vitor dos Santos

RESUMO

Na pesquisa empreendida buscou-se, através da literatura psicanalítica da escola lacaniana, analisar e compreender os processos psíquicos e afetivos que constituem o consumo e a adicção de drogas. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica. A pesquisa consistiu em uma discussão teórica sobre o tema proposto, sendo assim, baseando-se na bibliografia consultada, concebeu o fenômeno analisado como constituído pelo campo da linguagem e da sexualidade, além de não negligenciar as influências oriundas das mudanças produzidas pelo discurso científico e pelo discurso capitalista. A conclusão do discurso psicanalítico é ética, pois o saber proposto faz emergir interrogações a respeito dos ideais do consumismo, da tênue divisão entre a psicopatologia e a suposta normalidade psíquica, dos efeitos inesperados do discurso científico e do limite da liberdade do sujeito de gozar à sua revelia e (des)prazer.

PALAVRAS CHAVE: Psicanálise; Drogas; Ética.

ABSTRACT

In the undertaken research, it was sought, through the psychoanalytic literature of Lacanian School, to analyze and understand the psychic and affective processes that

constitute the drug consumption and addiction. The methodology used was based on bibliographical review. The survey consisted of a theoretical discussion on the proposed topic, therefore, basing itself on the consulted bibliography, which conceived the phenomenon analyzed as constituted of the fields of language and sexuality, but not neglecting the influences of the changes produced by the scientific and capitalist discourses. The conclusion of the psychoanalytic discourse is ethical, because the proposed knowledge makes emerge questions about the ideals of consumerism, the tenuous line between psychopathology and the alleged psychic normality, the unexpected effects of the scientific discourse and the limit of the freedom of the subject in enjoying it through his own (dis)pleasure.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Drugs; Ethics

RESUMEN

En la investigación emprendida, se buscó, a través de la literatura psicoanalítica de la escuela lacaniana, analizar y comprender los procesos psíquicos y afectivos que constituyen el consumo y la adicción de drogas. La metodología empleada fue la revisión bibliográfica. La investigación consistió en una discusión teórica sobre el tema propuesto, asimismo, basándose en la bibliografía consultada, se concibió el fenómeno analizado como constituido por el campo del lenguaje y de la sexualidad, además de considerarse las influencias oriundas de los cambios producidos por los discursos científico y capitalista. La conclusión del discurso psicoanalítico es ética, pues el saber propuesto suscita interrogantes respecto con los ideales del consumismo, de la tenue frontera entre la psicopatología y la presunta normalidad psíquica, de los efectos

inesperados del discurso científico y del límite de la libertad del sujeto de gozar contra su voluntad y (des)placer.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Drogas; Ética.

“[...] se dizemos que a taça é o escudo de Dionísio, devemos dizer com igual propriedade que o escudo é a taça de Ares.” (ARISTÓTELES, p. 223, 2013).

INTRODUÇÃO

Para uma discussão inovadora a propósito dos diferentes aspectos culturais e clínicos imersos no uso e abuso de substâncias químicas, a pesquisa foi desenvolvida a partir do que se considerou os dois cânones de compreensão do ser humano pressupostos pela ciência psicanalítica: a pulsão (busca de satisfação) e a linguagem (campo da cultura). Sendo assim, o fenômeno toxicômano foi situado em sua vertente da satisfação pulsional e como reflexo sintomático dos avanços da ciência e do capitalismo na pós-modernidade. Esta leitura será desenvolvida por meio de uma apresentação e discussão das diferentes análises selecionadas empreendidas por psicanalistas lacanianos sobre o tema. Sigmund Freud (2010) em 1930, na sua famosa obra *O mal-estar na civilização*, apresenta o consumo de drogas por uma via ética, isto é, apresenta o consumo de substâncias químicas como a mais eficaz e crua alternativa de lidar com o mal-estar inerente à vida na cultura. A conclusão do percurso de pesquisa do presente artigo, justamente por se filiar à teoria psicanalítica, apresenta resultados muito mais referentes ao âmbito da ética do que da clínica.

A PSICANÁLISE

A psicanálise designa a conjugação de uma proposta de trabalho clínico e de um grupo de teorias psicológicas que foram estabelecidas primeiramente por seu criador Sigmund Freud (1856-1939), entretanto, é inúmero a quantidade de reproduções e cisões feitas por outros psicanalistas que se propuseram a contribuir com a construção desta ciência. Desta união se espera que o trabalho clínico e o trabalho teórico se constituam mutuamente: o analista, possuindo como suporte primário a clínica, progride no desenvolvimento teórico com a criação de teorias metapsicológicas e da produção de conhecimento da dialética entre psicanálise, ciências, arte e filosofia; ao passo que no trabalho clínico ele ambiciona uma escuta diferenciada que esteja marcada pela teoria, no intuito de propiciar uma fuga do sentido habitual das palavras, criando interpretações, análises, sínteses, “nonsense”, enigmas, entre outras formas de construção e desconstrução de sentido sobre o que é dito.

O percurso produzido pelos psicanalistas compõe, de forma geral, pelo menos dois pontos de estofa teórico, considerados irredutíveis enquanto marcadores daquilo que caracteriza a peculiaridade do discurso da psicanálise. Um destes polos é o do inconsciente, é aquele ao qual ficam atribuídas as formações civilizatórias, a incidência da linguagem no corpo, o saber que não se sabe e a impossibilidade de cessar a produção de sentido. O segundo polo é o da sexualidade, ao qual ficam depositadas as antinomias do desejo, as diferentes possibilidades de obtenção de satisfação, as fantasias e a impossibilidade de fuga da demanda de gozo. Neste sentido, como indica Sigmund Freud (2014), a psicanálise surge a partir de uma extensão paralela, desprovida de coincidência, da significação dos termos “psíquico” e “sexual”, isto é, no saber do psicanalista a sexualidade humana não é sinônimo de genitálias ou de reprodução,

enquanto que sobre o psiquismo, seria preciso desvincular a simultaneidade da maioria das concepções filosóficas que coincide psiquismo e consciência. Em suma, na teoria psicanalítica, supõe-se a existência de um funcionamento inconsciente calcado numa sexualidade.

AS DROGAS E A PSICANÁLISE

Recorrendo aos psicanalistas que abordaram o tema das drogas especificamente, Nogueira Filho (1999) apresenta alguns posicionamentos essenciais para a compreensão de outras construções produzidas por analistas lacanianos. Ele expõe que de forma geral houve uma concordância no campo psicanalítico nos últimos anos, salvo algumas exceções, sobre alguns aspectos da toxicodpendência, um deles é: "a toxicomania não é um sintoma freudiano, isto é, não é produto do retorno simbólico do recalcado e caracteriza-se como uma prática que não produz saber". (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 28). Outro aspecto seria que embora as três estruturas clínicas sejam capazes de possuir traços distintos na constituição da relação de dependência com uma droga, não há uma predileção pelo vício, seja o sujeito submetido à estrutura neurótica, psicótica ou perversa. Para o autor a toxicomania deve ser interpretada como um dado novo, isto é, por mais que seja imprescindível trabalhar as questões históricas do paciente que o levaram ao atual estado de vivência e que uma das três estruturas esteja concomitantemente presente aos sintomas toxicomaniacos, é preciso compreender que a droga é capaz de intervir no Real do corpo de um modo que não está aludido no passado do sujeito.

Seguindo a construção teórica de Nogueira Filho (1999), a toxicomania ao torcer a relação do sujeito com a linguagem e a sua condição erógena, constituiria para ele um

novo desempenho pulsional e uma maneira diferente de se situar diante do Outro, ou seja, a droga em uma situação de dependência não poderia ser concebida dentro da teoria psicanalítica como um objeto a serviço da satisfação pulsional. Tal proposição se deve à capacidade de uma substância química causar prazer para além dos encadeamentos significantes de um sujeito e pelo fato da droga não ser um objeto causa de desejo a priori. Desta maneira, um consumo constante de substâncias químicas poderia fazer emergir um novo Real pulsional que aspiraria somente pelo objeto droga, sendo que a partir das experiências de repetições gozosas dos encontros com a substância, o sujeito estabelecerá um constructo imaginário de sua soberania e saber, sustentando a ilusão de que dispõe controle desta nova demanda. A consequência desta nova posição do sujeito é, devido à ausência de necessidade, a recusa do Outro e a exclusão do exercício Simbólico, de modo que assim cessa o domínio do desejo inconsciente, trocando o sujeito barrado/castrado ávido por satisfação por um indivíduo com impulsos ao consumo, que se não estiver atrelado ao prazer, pelo menos possuirá um gozo certo. Em suma: "Se a pulsão veio marcar a necessidade com o erótico, a droga vem marcar o erótico com o necessário". (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 56).

A recusa do Outro e do Simbólico como características de um uso de drogas problemático parece ser algo predominante nas descrições psicanalíticas sobre o assunto e o filósofo alemão Walter Benjamin parece idealizar uma percepção similar quando descreve os efeitos do haxixe e de outras drogas:

Sobre os constantes devaneios no haxixe. Primeiro, a incapacidade de ouvir os outros. Por mais que ela pareça entrar em desencontro com a benevolência sem limites em relação aos outros, de fato está intimamente ligada a ela. Mal o parceiro abriu a boca, e já nos desapontou enormemente. O que diz fica infinitamente aquém daquilo que lhe teríamos concedido e que

teríamos acreditado com imensa alegria se ele tivesse ficado calado. Ele causa-nos um doloroso desapontamento porque nos desvia do mais importante objeto de toda a atenção: nós próprios. (BENJAMIN, p. 148, 2013).

O psicanalista francês Charles Melman (1992) também tentou tratar a toxicomania a partir da psicanálise e assim como a maioria dos outros analistas não dispensou questões políticas e éticas imersas no debate. Refletindo sobre como o consumo de drogas agiria no aparelho psíquico proposto pela psicanálise, ele apresenta que a totalidade do pensamento é sempre negada ao homem, pois ele está continuamente aprisionado a um pequeno lapso de consciência, sendo capaz de conceber a grandeza de suas próprias edificações simbólicas somente em contato com os chistes, os sonhos, os jogos de palavra, a arte... A droga aparentemente libertaria o pensamento dos limites da repetição e ordenação, porém, independente dos ganhos e perdas desta incisão, o consumo contemporâneo, por estar desvinculado de qualquer movimento ideológico próprio, apenas reproduz o gozo ideal do discurso capitalista de maneira alienada e autoerótica. Nisto há um sofrimento sintomático, já que como afirmou Nogueira Filho, não há produção de saber.

Sobre as relações vividas pelo sujeito que se encontra compulsoriamente gozando de sua dependência química, C. Melman (1992) destaca a erotização do dependente com as figuras da lei e a interdição. Desta forma, aponta que o terapeuta, assim como os representantes dos poderes públicos que instigam a abstinência, faz as tensões e satisfações do jogo existente entre o sujeito e o objeto droga somente aumentarem. Lembra também que os psicanalistas deveriam ser totalmente contrários à proibição do consumo de substâncias químicas se quiserem obter resultados favoráveis com os dependentes, pois o discurso psicanalítico, assim como algumas leituras artísticas e

filosóficas, demonstra claramente que um objeto interdito é não somente o índice dos objetos permitidos, mas também um possuidor de uma gama de gozo suplementar devido à possibilidade de transgressão. O gozo está nos momentos de falta do objeto, e não no momento final do consumo que encerra a tensão. Como proposta de “cura” Melman (1992) defende que a proibição nos aspectos econômicos, sociais e afetivos em nada traz ganhos e que seria mais interessante medicalizar a droga ao invés de apenas liberar o consumo. Isto significa fornecer a droga de maneira legal, porém medicamentosa, em uma tentativa de deserotizar o consumo. Charles Melman (1992) também trata a questão do alcoolismo em seu trabalho, contudo, ele a separa das outras toxicomanias, pois a adicção à bebida alcoólica constituiria um sintoma de uma determinada classe social (a proletária) e se refere somente à sexualidade masculina. Este ponto de vista *aparentemente* preconceituoso é baseado na repetição de um discurso que não se confunde com a fala em torno das outras drogas ou de outros usos do álcool na clínica.

Outra tentativa de analisar o consumo é de Zafiropoulos (1994) ao empreender uma fenomenologia da experiência toxicomaníaca a partir da clínica psicanalítica. Ele propõe que em alguns casos de consumo a droga vem a fazer um apelo tirânico à repetição de um lugar que se localiza fora do corpo e fora do discurso, ou seja, ocorrerá com o tempo a cessação das possibilidades de laço social, algo muito próximo da proposta de Nogueira Filho sobre a recusa do Outro e do Simbólico como característicos da adicção. O autor recusa a identificação entre substâncias químicas e efeitos determinados, enfatizando a singularidade de cada sujeito no seu consumo e em sua entrada no mundo das drogas, ou seja, não há univocidade no início de um percurso que finaliza em uma suposta adicção química. Portanto, tão pouco existiria o

toxicômano, um significante ou imagem capaz de ser o modelo que delimita o grupo de indivíduos que consomem droga de uma determinada maneira, já que cada sujeito possui uma história, fantasia e gozo atrelados ao consumo que são únicos.

Os efeitos do consumo de substâncias psicoativas são muitas vezes referidos como uma “viagem” pelos usuários. Marcos Zafiropoulos (1994) caracteriza esta viagem como sendo uma curva sinusoidal composta de dois períodos de duração desigual, a subida e a descida. Na subida teríamos uma abertura do inconsciente que produziria um encantamento do sujeito com os ideais de eu que ele se surpreende em ser capaz de atuar. Neste momento ocorre também a exclusão do símbolo, isto é, a possibilidade de total identificação do sujeito com os objetos e a compreensão de significados de forma absoluta, fenômeno possível a partir da recusa daquilo que marca a diferença. Na descida acontece a reacomodação do eu e a satisfação de se libertar da angústia que acompanha a falta da falta. Porém, quando a transição entre descida e subida falha e quando o usuário não consegue ser imagem e olhar dos efeitos imaginários da substância, se instala um terror da ordem da paranoia. Este terror com a presença maciça do Outro é momentâneo e, por conseguinte, não deve ser confundido com aquilo que anteriormente foi designado como o estado toxicômano, no qual o Outro, enquanto o inconsciente estruturado como uma linguagem, é recusado ou desabonado. De acordo com o autor estes momentos de paranoia, loucura ou impressão de que não “se vai voltar da viagem” constituem tanto um ponto de recusa quanto de encanto com as drogas entre os consumidores. Uma passagem de “*O poema do haxixe*” “encontra” esta análise impecavelmente:

Meu homem imaginado, o espírito da minha escolha, chegou, pois, àquele grau de alegria e de serenidade em que é obrigado a admirar a si próprio. Toda contradição se apaga, todos os

problemas filosóficos tornam-se límpidos, ou pelo menos assim parecem. Tudo é matéria de prazer. [...] Entretanto, podemos supor que, de vez em quando, uma lembrança mordaz atravessa e corrompe essa felicidade. Uma sugestão proporcionada pelo exterior pode reavivar um passado desagradável de ser contemplado. (BAUDELAIRE, p. 62, 2003).

No encerramento do artigo o autor compara o consumo massivo de drogas com a concepção de pulsão de morte de Jacques Lacan: “A pulsão de morte é vontade de destruição, mas é também uma vontade de outra coisa, vontade de recomeço”. (LACAN, 1960, citado por ZAFIROPOULOS, 1994, p. 31). Esta comparação com o conceito de pulsão de morte em Lacan, à parte de oferecer novos caminhos para a teorização, é confirmada ou pelo menos acordada com a opinião do escritor Charles Bukowski, autor que escreveu muito sobre a questão das drogas, principalmente sobre as bebidas alcoólicas:

Beber é uma coisa emocional. Isto lhe joga para fora da rotina do dia a dia, impede que tudo seja igual. Arranca você para fora do seu corpo e de sua mente e joga-lhe contra a parede. Eu tenho a sensação de que beber é uma forma de suicídio na qual você é permitido voltar à vida e começar tudo de novo no dia seguinte. É como matar a si mesmo, e depois renascer. Acho que eu já vivi cerca de dez ou quinze mil vidas. (LONDON MAGAZINE citado por RYAN, 2014, p. 1, tradução nossa¹).

¹ Drinking is an emotional thing. It joggles you out of the standardism of everyday life, out of everything being the same. It yanks you out of your body and your mind and throws you against the wall. I have the feeling that drinking is a form of suicide where you're allowed to return to life and begin all over the next day. It's like killing yourself, and then you're reborn. I guess I've lived about ten or fifteen thousand lives now.

O psicanalista Jesús Santiago (1994), que possui um trabalho extenso a respeito do consumo de drogas e a teoria lacaniana, adere ao posicionamento da maioria dos psicanalistas lacanianos, afirmando que a toxicomania não deve ser considerada à parte das estruturas clássicas da psicanálise. Entretanto, enfatiza que no início do tratamento clínico existe uma peculiaridade nestes casos, pelo menos no que se refere à neurose os analisandos apresentam acting-outs e passagens ao ato repetidamente, ao invés de impasses entre a palavra e a linguagem. Desta maneira, o toxicômano faria uso da droga como “contra-sintoma”, isto é, o ato de se drogar suprimiria a indeterminação subjetiva da palavra, e em um aparente exercer da vontade, o sujeito cria um impasse no Outro, ou segundo as palavras do autor: “Nessa antinomia entre o ato e o pensamento, justificase o caráter não interpretável do ato de se drogar, no sentido de que o sujeito, na certeza de sua busca de felicidade, se apresenta separado do Outro”. (SANTIAGO, 1994a, p.34). A repetição do ato na drogadição cria um imaginário dos efeitos e rituais de uso que sempre desencadeiam a satisfação esperada, esta configuração exclui a necessidade da palavra, o que resulta na transposição da divisão do sujeito para uma divisão no Outro. Isto tem efeitos na relação com o saber que podem ser nitidamente apreciados quando se ouve as comuns descrições do efeito de algumas drogas que se referem a não necessidade de palavras ou mesmo às compreensões súbitas sobre o cosmos e o sentido da vida humana, assim como já foi descrito acima.

Seguindo suas hipóteses Santiago (1994) propõe que o ato toxicomaniaco é um efeito de discurso do discurso da ciência. Para compreender de que maneira o recurso à droga pode ser um efeito discursivo é preciso conceber uma divisão capital entre tóxico, como algo que ocorre ao homem e se encontra na natureza, e a droga, um objeto possibilitado pela ciência. O drogar-se na contemporaneidade implica um esvaziamento

do gozo de sentido efetuado pelo sujeito da ciência, ou seja, não há a droga na natureza à espera da “descoberta” do homem, a droga surge como um significante que nomeia o Real a partir da projeção discursiva humana. Logo, a própria existência de uma droga já necessita a priori um desejo em torno deste objeto. Ainda de acordo com Santiago (2001) a droga e a toxicomania são restos do processo de tentativa de literalização da natureza mediante cifras químicas, isto é, pode-se conceber a droga como um retorno, na forma de gozo enigmático, daquilo que a ciência necessita recusar em seu processo de nomeação significativa.

Outro psicanalista que escreveu sobre o tema é Éric Laurent (2014) e ele partiu de uma das poucas proposições de Jacques Lacan sobre as drogas: “A droga, única forma de romper o matrimônio do corpo com o pequeno-pipi”. (LACAN, 1970, citado por LAURENT, 2014, p. 20). Para Laurent (2014) em casos de consumo em estruturas não psicóticas, a droga pode romper com o Nome-do-Pai, portanto, também com a castração que delimitaria um objeto de gozo através da fantasia. O vício não constituiria uma neurose ou perversão por não possuir um caminho até satisfação que se faz através da fantasia, constitui de fato, um curto-circuito de gozo sem particularidades ditadas pelo Outro, e assim, desvinculado do falo (o pequeno-pipi). Segundo o autor a droga possibilita um gozo “uno”, pois não é um gozo sexual fragmentado pelo corpo ou pela fantasia. Laurent (2014) ainda afirma que se trata de um “gozo do futuro”, pois na pós-modernidade um dos meios de sofrimento sintomático acontece pelo temor do gozo do Outro, ou seja, é insuportável para o sujeito, diante das suas próprias injunções superegóicas, a possibilidade de que o “vizinho” tenha mais satisfação ou obtenha algum gozo proveniente de um lugar não presumido como permitido. Este tipo de configuração só pode se estabelecer em um ideal de eu pautado no “se dar bem”. Em

suma, o consumo compulsivo de drogas reduz as singularidades e assim forma um gozo uno, ideal aos medos, criadores de preconceito e racismo, de que o Outro esteja se dando bem pelas nossas costas.

Se o gozo toxicomaniaco é um gozo do futuro, seu discurso, enquanto constituinte de um gozo uno, se produz hoje. Antônio Beneti (2014) relembra que a maioria dos discursos que almejam gerar um saber sobre a dependência química contemporânea enfatizam unicamente as vicissitudes e características do objeto, e ao reduzir a importância das contribuições perpetuadas pelo sujeito nesta *relação*, criam um apagamento das questões ligadas à subjetividade do consumo e da adicção. O discurso pautado no objeto é segregacionista por excluir a riqueza da subjetividade inconsciente, enquanto a psicanálise, por outro lado, deve sempre ser composta em torno da premissa de que é o toxicômano quem faz a droga. Isto significa pensar o sujeito inconsciente no lugar do vazio deixado por um discurso fatalista e interrogar o desejo implicado no consumo. Como demarca o autor: “O que ele quer com esse objeto e não o porquê do uso de drogas. Qual a importância desse objeto, qual o lugar desse objeto, qual a função desse objeto droga”. (BENETI, 2014, p. 32). Em sua leitura sobre os movimentos históricos da drogadição Beneti (2014), assim como Nogueira Filho (1999) e Melman (1992), comenta que a relação com as substâncias químicas na sociedade Ocidental moderna até cerca de algumas décadas atrás se dava pela transgressão dos ideais vigentes na cultura, entretanto, atualmente as drogas são mais um dos objetos oferecidos ao gozo pelo saber científico dentro da lógica capitalista. Antes a transgressão era a do ideal vigente, hoje a transgressão é muito mais violenta, pois é a do próprio corpo, do laço social e dos próprios limites. E ainda poderíamos adicionar os casos em que o consumo não é cometido a partir da tentativa de transgressão, mas, por uma resposta à

demanda de integração ou adequação ao meio, como por exemplo a necessidade de aceitação Outro, do amor de um indivíduo, do aumento de desempenho físico ou mental...

Deixando as questões sociais envolvidas no tema de lado e retornando à discussão clínica, Marconi Guedes (2014) oferece os primeiros passos para compreender as relações existentes entre psicose e toxicomania. Ele enfatiza, assim como deve ser sempre lembrado na clínica psicanalítica, que o consumo de drogas sempre assume uma posição única na economia psíquica dos sujeitos que possuem uma estruturação psicótica (assim como em outras estruturas), entretanto, a partir da repetição que acontece dentro da clínica, é possível pensar algumas elaborações teóricas que objetivam um saber. Sendo assim, Guedes (2014) destaca que em alguns casos surtos psicóticos surgem com o início do consumo de uma substância química, já que “[...] os efeitos produzidos pela droga podem colocar o sujeito diante de algo que ele é incapaz de nomear, por falta de recursos simbólicos” (GUEDES, 2014, p. 200). O problema abordado aqui seria o de um sujeito que desencadeou uma psicose pela via do consumo, algo mais complexo do que uma simples psicose tóxica ou sintomática, de qualquer modo, é preciso enfatizar que outro fenômeno qualquer poderia igualmente colocar o sujeito diante de algo que desencadeasse a psicose, o que torna duvidoso o repetido discurso de que algumas drogas podem desencadear psicoses.

Em contraposição ao paradigma proposto o autor apresenta que surtos psicóticos podem ocorrer a partir de um longo período de abstinência de consumo de uma droga. Nestes casos a droga funcionaria como um “tratamento” da psicose de duas principais possíveis maneiras: “[...] identificação do gozo no lugar do Outro e o retorno do gozo no próprio corpo”. (GUEDES, 2014, p. 201). Na primeira possibilidade o sujeito se

identificaria com o significante toxicômano e criaria um laço precário com o Outro no nível do Imaginário. A outra possibilidade é a de que o consumo das substâncias faria a função de suplência, ordenando a psicose ou não permitindo os surtos ao evitar a invasão de gozo no sujeito, propiciando a amarração entre o Simbólico, o Imaginário e o Real.

Mais um complexo fator é adicionado ao texto com a introdução do conceito de psicose ordinária elaborado por Jacques-Alain Miller. A psicose ordinária é diferente da psicose “clássica” da escola lacaniana por não apresentar delírios, alucinações e fenômenos de linguagem, além de apresentar uma relação sempre negativa entre o sujeito e o campo social, o corpo e a sexualidade. Para Guedes (2014) muitos casos de toxicomanias em que não há uma relação clara com as estruturações clássicas da psicanálise lacaniana seria possível conceituá-las como uma psicose ordinária, na qual a função da droga necessitaria de ser examinada em sua particularidade.

CONCLUSÃO: ÉTICA CLÍNICA

Diversos pontos de vista se repetem nas elaborações dos psicanalistas consultados e apresentados até aqui, algumas opiniões são explicitamente semelhantes e convergentes, enquanto que outras não coincidem tão diretamente, porém, numa leitura mais atenta é possível perceber que na maioria dos casos se trata apenas de formulações diferentes de uma interpretação muito próxima do fenômeno, algo que ocorre devido à competência da utilização da teoria lacaniana, pelos analistas examinados, como instrumento de leitura clínica. Pode-se concluir com base nos textos consultados que não existe uma maneira de ser toxicômano, isto é, não há nenhuma patologia ou estrutura capaz de nomear o suposto grupo composto por aqueles que são considerados dependentes

químicos, visto que cada um deles possui uma relação única com a droga. A adicção é o nome dado ao sofrimento causado pela repetição de um mesmo ato, e no caso apresentado, ocorre devido aos desvios que a droga é capaz de propiciar a fim de evitar o encontro com os embaraços do desejo e a falta constitutiva do sujeito. A falha desta estratégia para conviver com o mal-estar é que uma substância química que sirva como meio único de satisfação a um indivíduo, será também com o tempo o único objeto demandado por ele, e não menos demandado do que os últimos que o antecederam. O regime de gozo que se encontra no momento em que a droga se tornou o objeto causa de desejo dispensa a necessidade de articulação simbólica, pois a castração do sujeito está camuflada por uma nova falta (a “fissura”) e ela já possui um objeto obturador (a droga).

As operações efetuadas pelo “toxicômano” só são possíveis nas sociedades contemporâneas ocidentais (ou ocidentalizadas), já que elas se encontram, em sua maioria, imersas numa lógica de que a natureza e o corpo podem ser cifrados e domados. Somente a ciência possibilita a “crença” de que determinada substância, se consumida, propiciará determinados efeitos e de que a repetição do mesmo método fornecerá os mesmos resultados. Da mesma maneira que somente nas sociedades de economia capitalista e produção em massa de bens de consumo há um superego que demanda gozo pela via da compra e do consumo, dois itens indispensáveis na receita da satisfação da toxicodependência moderna. Caso se almeje pensar meios de prevenir a toxicomania na adolescência e no início da vida adulta, para além de meras propagandas que tentam demonizar as drogas como se os espectadores fossem tolas crianças, uma alternativa seria a de investir no ensino de ciências humanas, filosofia e artes desde a infância. O estudo e a produção de trabalhos em disciplinas deste gênero permitem que

o sujeito elabore de maneira simbólica seu sofrimento, e a partir de seu descontentamento, crie dispositivos capazes de modificar sua realidade. Este tipo de projeto soa como uma espécie de “antieducação” diante da maioria dos atuais currículos educacionais das escolas do país, que por sua tecnocracia excessiva, são mais um dos elementos responsáveis por um universo simbólico-afetivo que sustenta a adicção química.

A toxicomania realmente expõe uma situação em que é possível questionar os limites da teoria psicanalítica, uma vez que todas as formações clássicas da demanda clínica não se apresentam claramente, como, por exemplo, demandas por amor, sintomas, antinomias com a linguagem e o desejo... Esta situação se agrava quando o psicanalista verifica que seu analisando parece estar lá unicamente por razão de sua compulsão ao consumo de substâncias químicas, todavia, nos casos em que o analista é capaz de fazer com que seu paciente retome o caminho que o levou ao consumo, a literatura mostra que antes da drogadição algo em torno da impossibilidade do Real traumático sexual foi encontrada pelo sujeito. Logo, a drogadição é sempre uma alternativa que foi escolhida para evitar o adoecimento neurótico ou sintomas psicóticos.

Na clínica o psicanalista seguirá na contramão dos outros discursos antidrogas, pois jamais colocará o sujeito na posição de vítima de algo que ele não é responsável, como acontece constantemente na mídia quando ela comunica os perigos da droga ou o invencível vício propiciado por elas. Em termos mais específicos, é preciso desconstruir as identificações que o sujeito faz com a droga ou com a suposta existência da maneira de ser drogadicto, além de cercar a especificidade de sua história com a drogadição, no intuito de fazê-lo se reconhecer nela. Em relatos clínicos se torna evidente que alguns

analisandos são capazes de construir um vício em um significante que sustenta seu sintoma, de modo que o que menos possui importância em sua drogadição são os efeitos bioquímicos da substância. Talvez o único ponto de determinação irreduzível que pode ser utilizado como referência ao trabalho clínico seja a dicotomia entre o drogar-se *sintomaticamente* e o consumo da droga como *antissintoma*, ou seja, diferenciar as situações em que a drogadição não é nada mais do que uma espécie de atuação, na qual a droga entra como um dos artifícios que compõe o cenário fantasmático de gozo do paciente, das situações em que os efeitos da droga no corpo evitam que o sujeito se encontre com o mal-estar. Esta divisão é a mesma que permite diferenciar a toxicomania das outras manias, pois unicamente no caso das drogas existe a possibilidade de antissintoma, algo impensável nos casos de pacientes que se dirigem à análise devido ao vício em outros objetos, como jogos, sexo, comida...

A conclusão do discurso psicanalítico é ética, visto que o saber proposto faz emergir interrogações a respeito dos ideais do consumismo, dos efeitos inesperados do discurso científico e do limite da liberdade do sujeito de gozar à sua revelia e (des)prazer. Se os sujeitos que preferem consumir drogas a se dedicar a qualquer outra atividade comparecem invariavelmente na clínica, é porque eles concluem que esta prática causa mais sofrimento do que satisfação. O conhecimento que a psicanálise sugere se parece tão distante de uma leitura biológica porque os objetos de estudo não são os mesmos, em um campo de estudos encontramos um organismo e um princípio ativo e no outro um corpo sexual e um objeto de satisfação. Se estas diferenças resultam de uma real heterogeneidade dos objetos de estudo ou se o que aparece como divergente é apenas um efeito paralítico, trata-se de uma discussão epistemológica que não cabe ao fim deste artigo.

CONCLUSÃO: ÉTICA FILOSÓFICA

Dedicando-se agora a um discurso de teor mais filosófico podemos dizer que os discursos que repetem incessantemente as regras sobre o consumo de drogas, desde incentivo ao consumo de alguns medicamentos, bebidas ou drogas ilícitas, até a mais completa recusa diante de algumas substâncias, revela uma preocupação em controlar as práticas com o corpo. De acordo com a filósofa Marcia Tiburi (2013) a repetição e veiculação de determinados discursos com intuito de abarcar a verdade última sobre um assunto (quase um tabu neste caso), se insere naquilo que Foucault chamou de “sociedade de segurança”, entendida por ela como aquela que: “[...] reedita a estrutura da lei e da disciplina (com o apoio do direito e da ciência) e que sustenta na penalidade ou nos procedimentos relativos à vida biológica, como mecanismos de controle social”. (TIBURI, 2013, p. 86). Portanto, a maneira como são veiculados os discursos sobre as substâncias químicas demonstram práticas que se inserem naquilo que Foucault chamou de biopoder.

De acordo com Tiburi (2013) caso seja aceito a existência das fissuras da sociedade contemporânea e as fissuras atemporais da cultura e do corpo, a autodestruição pela via do vício não é uma alternativa que está em oposição ao bem-estar da vida. Dito de outra forma, assim como uma banda de Moebius em que se anda ao outro lado estando no mesmo lugar, o consumo de drogas é justaposto a vida humana, está em total acordo com nossas atividades que sempre envolvem um gozo transgressor, mortífero e autodestrutivo. Como ela propõe: “E que a questão da fissura possa nos apresentar mais do que o sintoma, do que a causa ou do que o efeito, o *modo de ser* do vazio do pensamento característico do nosso tempo”. (TIBURI, 2013, p. 16). Poderíamos dizer

que nos casos em que há sofrimento por causa da necessidade de consumir drogas, a dor se deve mais ao fato de um objeto supostamente capaz de obturar a falta humana estar disponível do que por ele estar ausente.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek (2008) descreve o mecanismo de alienação ideológica como uma confusão, decorrente de posições de gozo dos sujeitos, entre o elemento e a estrutura. Como exemplo ele cita uma situação hipotética, baseada nos escritos de Karl Marx, em que as pessoas de um determinado vilarejo fantasiem que seu rei é rei por alguma qualidade intrínseca a ele, e não sejam capazes de conceber que seu rei reina por causa das relações sociais do vilarejo que o colocaram neste lugar. Como conclusão deste primeiro movimento de discussão sobre a toxicomania e as drogas a partir da psicanálise e da ética, pode dizer que conceber a droga ou o drogadicto como fonte do mal é uma alienação ideológica. Ambos são produtos das relações humanas e obviamente não são a sua causa. O horror difundido diante da imagem do dependente químico é na verdade um mero mecanismo de defesa, que neste caso, eleva a imagem do drogadicto a representante dos pontos traumáticos da sociedade contemporânea. Escolha apropriada se relembrarmos sua relação com a ciência e com o capital.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Edipro, 2013. (Texto original publicado entre 335 a 323 a.C.).
- BAUDELAIRE, Charles. *O poema do haxixe*. São Paulo: Aquariana, 2003.
- BENETI, Antônio. “A toxicomania não é mais o que era”. In: MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; FARIA, Maria Wilma (Org.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 27-38.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

COSTA GUEDES, Marconi Martins. “Um dos índices possíveis da psicose ordinária”. In: MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; FARIA, Maria Wilma (Org.). ***Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan***. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 199-206.

FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 18: Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução e notas: Paulo César de Souza.

LAURENT, Éric. “Três observações sobre a toxicomania”. In: Mezêncio, Márcia; Rosa, Márcia; Faria, Maria Wilma (Org.). ***Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan***. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 19-26.

NOGUEIRA FILHO, Durval Mazzei. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta, 1999.

MELMAN, Charles. ***Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar***. São Paulo: Escuta, 1992.

RYAN, Mike. “no hope, just / booze and madness”: *Connecting Social Alienation and Alcoholism in Charles Bukowski’s Autobiographical Fiction*. Lafayette, Graduate Faculty of the University of Louisiana, 2014. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Arts. Disponível em: < <http://pqdtopen.proquest.com/doc/1548009534.html?FMT=ABS> >. Acesso em: 26 fev. 2015.

SANTIAGO, Jesús. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTIAGO, Jesús. “Sobre o tratamento médico do mal-estar do desejo”. In: BITTENCOURT, Ligia (Org.). *A vocação do êxtase: uma antologia sobre o homem e suas drogas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 33-38.

ZAFIROPOULOS, Marcos. “O toxicômano não existe: fenomenologia da experiência toxicomaniaca e referências psicanalíticas”. In: BITTENCOURT, Ligia (Org.). *A vocação do êxtase: uma antologia sobre o homem e suas drogas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 17-32.

ŽIZEK, Slavoj. *The sublime object of ideology*. 2. ed. Nova York: Verso, 2008.